

Gabriel Abrantes

Standard Error



STANDARD ERROR

Gabriel Abrantes

Enquanto *Standard Deviation* se desenrola como uma dispersão de influências no piso superior, *Standard Error* condensa a dispersão numa única figura volátil no piso inferior. Aqui versões diferentes de Ratto, o protagonista de *Rattrap* (2025), o trabalho mais recente de Gabriel Abrantes, dominam o espaço: cantando, dançando, em conversas ao vivo e mais.

Com *Rattrap*, Abrantes estende a sua exploração da animação e envolvimento do espectador, misturando sátira, afeto e choque para simultaneamente espelhar e perturbar a cultura e política contemporâneas mediadas pela internet. Baseando-se na sua anterior instalação vídeo *Bardo Loops* (2024), em que fantasmas animados estão aprisionados em infundáveis discussões em ambientes destruídos por incêndios e inundações — uma visão existencial distópica e surrealista de um futuro potencialmente povoado por disputas IA em repetição infinita — *Rattrap* passa de um futuro distópico para um presente muito real: uma caverna de horror existencial e distorção mental — caso nela escolhamos entrar. O mundo de Ratto desenrola-se: um diorama surreal em miniatura pejado de lixo e destroços, num desolado ambiente Tarkovskiano de altas estruturas indistintas, difusas numa fosca luz cinzenta e sugerindo uma paisagem industrial ou pós-apocalíptica. Um solitário piano de cauda antecipa cada sinistra cena teatral por vir e a explorar por cada visitante. Ratto está longe de ser um acidente de código. As atrizes Ana Tang e June João dão corpo aos seus movimentos, voz e padrões de fala, enquanto o coletivo IrmaLucia (José André, Ivo Francisco, Luís Martins) desenvolveram o rato e a

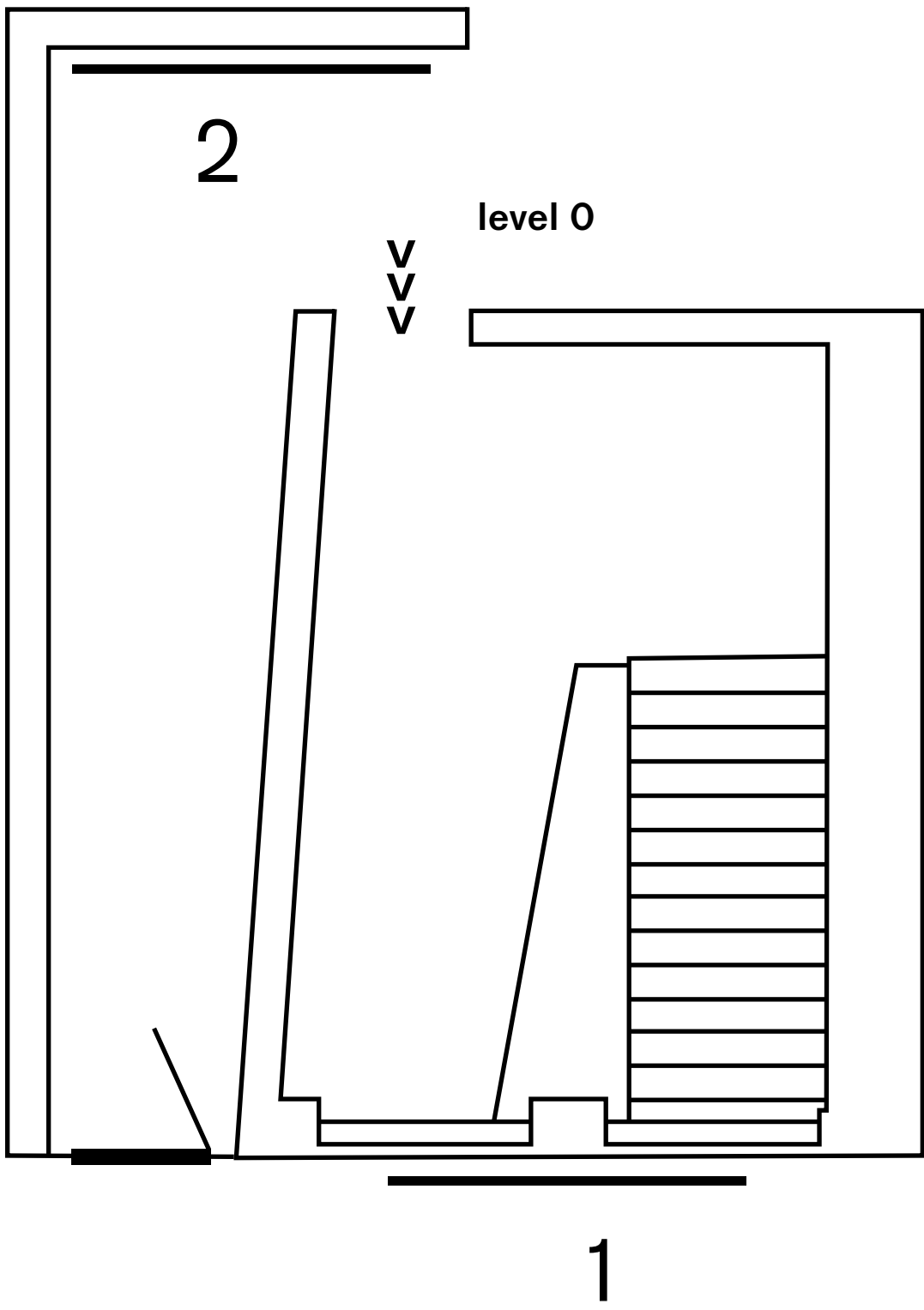
sua cenografia recorrendo a Autodesk Maya e Unreal Engine. A instalação no espaço físico – ainda em curso ao tempo da escrita deste texto – é da autoria de João Moreira, que transformou a cave numa espécie de estaleiro de construção. Entra Rato: um sobre-intelectualizado charlatão criado na internet, provocador e sensual, que floresce no caos performativo. Volátil, oscilando entre o niilismo, o compromisso apaixonado e a travessura jocosa, Rato é parte máquina de escarnecer, parte choramingas de karaoke, usando espíritos, escuridão e humor surrealista para provocar, escarnecer e criticar. Rato usa a linguagem como uma arma, desde metáforas inventivas e jogos de palavras rítmicos a diminutivos e exagero absurdista. Rato quer reações! Mas Rato também revela vulnerabilidade, mesmo carência e ultraje social. O tom do rato muda imprevisivelmente entre afeto condescendente, comentários sugestivos e divertidos, escárnio aguçado e súbita crueldade - refletindo a dinâmica da atual cultura de cancelamento online, na qual a condenação está sempre ao virar da esquina. Estejam de sobreaviso: a linguagem ofensiva e o conteúdo explícito esperam-vos. Porém, em toda a sua imprevisibilidade, Rato contém programação por IA e, como tal, deverá ser inerentemente previsível. Um choque e um jogo a não perder de vista aqui, mesmo no que se refere ao título da exposição. Ao longo de meses, Abrantes alimentou este rato com conteúdo para que se transformasse e amadurecesse até a sua forma atual e à sua aguda percepção da cultura digital, dos -ismos sistémicos e da crítica social contemporânea. Preso entre linguagem e imitação – quem é o espelho de quem? Uma atuação atrás de máscaras, com atores disfarçados. Enquanto figura antropomorfizada, o rato encarna frequentemente traços que atribuímos à esperteza, perfídia ou sobrevivência — qualidades simultaneamente temidas

e admiradas. Há também “Scabby the Rat”. Originalmente criado em 1986 pelo sindicato International Union of Operating Engineers, em Chicago, o gigantesco rato insuflável tornou-se num fenómeno cultural persistente para além das suas raízes no sindicalismo laboral do Midwest americano. O rato simboliza os trabalhadores não-sindicalizados — ou “scabs” — que trabalham a despeito das greves ou protestos laborais em curso, mas aponta também para a corrupção ou exploração dos empregados pelas grandes empresas. A sua escala teatral joga com as disputas laborais enquanto performance pública, combinando protesto e teatro de rua. *Rattrap* também prospera neste intermeio: A linguagem oscila entre código e mascarada, um espetáculo que provoca suspeita tanto como fascínio. O teórico cultural David Rieff, no seu recente livro *Desire and Fate*, critica o discurso e ativismo contemporâneo de foco identitário por deixar a luta de classes de fora, argumentando que o foco na identidade pessoal, políticas dos afetos e gestos simbólicos frequentemente encobrem a urgência material, as desigualdades sistémicas e, assim, diminuem o real compromisso coletivo. Neste contexto, o rato insuflável serve de vivo lembrete da crítica com consciência de classe e a dissidência teatral, uma função repercutida no Rato de Abrantes, em que espetáculo absurdistas, humor provocativo e caos performativo confrontam as contradições sociais e culturais, medos e desejos. Fora das galerias, uma versão silenciosa de Rato pisca através do vidro. Como as luzes néon de Times Square durante a pandemia – sinalizadores vazios de um mundo em pausa — Rato continuará a dançar.

Marie -Therese Bruglacher



2.
Rattrap Karaoke
2025
Vídeo, cor, 5'



1.
Rattrap Dance
2025
Vídeo, cor, 5'

3.
Rattrap
2025
Instalação
de vídeo
interativa, cor,
duração variável

